

DEMOCRACIA VS. AUTONOMIA NO MOVIMENTO OCCUPY



COLEÇÃO CRÍTICA ANARQUISTA À DEMOCRACIA

Esse texto faz parte de uma série e um debate internacional analisando a Democracia sob uma perspectiva anarquista. Não só a democracia representativa burguesa é abordada, mas também as experiências de democracia direta nos diversos movimentos e levantes ao redor do mundo nos últimos anos.

Outros textos serão publicados desenvolvendo a questão localmente. Encorajamos também um debate fora das redes. Convide e organize debate sobre a relação entre democracia e anarquia na sua região.

*Um grupo de discussão está sendo organizado via Crabgrass e pode ser acessado no link:
we.riseup.net/democracyandanarchy*

DEMOCRACIA

VS.

AUTONOMIA NO MOVIMENTO OCCUPY

A história diz que a primeira reunião do movimento Occupy Wall Street começou à moda antiga, de cima para baixo, monótona e com alto-falantes — até que uma estudante grega (e anarquista?) interrompeu sugerindo que fizessem uma assembleia horizontal. Ela e outros jovens presentes se sentaram em círculo do outro lado da praça e começaram a reunião usando o processo de consenso. Uma por uma, as pessoas foram migrando do encontro onde ouviam os alto-falantes para se juntarem ao círculo. Era 2 de agosto de 2011.



Aqui, no mito de origem do Movimento Occupy, encontramos a contradição fundamental em sua relação organizacional. Podemos entender essa mudança rumo aos processos de construção de consenso como a escolha de um modelo mais inclusivo e então mais legítimo de democracia, antecipando as afirmações de que as assembleias do Occupy representavam “a real democracia em ação”. Ou podemos focar na decisão de se retirar da reunião inicial como um gesto a favor da livre associação. Ao longo do ano seguinte, essa tensão interna veio à tona diversas vezes, colocando em oposição democratas que queriam demonstrar uma nova forma de governo contra anarquistas que tinham a intenção de demonstrar a primazia da autonomia.

Embora o antropólogo e escritor anarquista David Graeber tenha encorajado participantes a encararem o consenso como um conjunto de princípios, não de regras, tanto proponentes quanto opositores autoritários dos processos consensuais persistiram em tratá-lo como um meio formal de governo — enquanto que anarquistas que concordavam com Graeber se encontraram fora da realidade consensual de seus companheiros ocupantes. O movimento falhou em criar consenso sobre o significado de consenso em si, culminando em terríveis ataques em que Rebecca Solnit (2) e Chis Hedges (3) rotularam participantes anarquistas como criminosos violentos.

Como isso se espalhou pelo interior, onde pequenas ocupações aderiram às formas de decisão praticadas no Occupy Wall Street? A narrativa seguinte traça as tensões entre formas organizativas democráticas e autônomas por toda a trajetória de uma ocupação local.



DEMOCRACIA VS. AUTONOMIA NO MOVIMENTO OCCUPY: UMA NARRATIVA

Uma década e meia atrás, participei do chamado “Movimento anti-globalização”, nome usado por jornalistas que preferiam não dizer “anticapitalistas”. Como uma onda de iniciativas locais, culminando numa série de protestos contra reuniões de cúpula como a OMC (Organização Mundial do Comércio) em Seattle em 1999, e o G8 em Gênova em 2001. Ainda que eu já fosse anarquista há alguns anos, aprendi sobre o processo de decisão por consenso no decorrer dessas experiências. Como muitas outros participantes, eu acreditava que essa forma de tomada de decisão apontava para um mundo sem governo ou capitalismo. A gente estimava esse sonho aparentemente impossível de que um dia esse processo de tomada de decisão pudesse ser tomado pela população em geral.

Dez anos depois, visitei o Occupy Wall Street no Zuccotti Park, em Nova York. Essa ocupação que só durou duas semanas, já havia desenvolvido sua cultura política: assembleias diárias, “microfone sem fio”, consenso. Tudo isso era muito familiar para mim desde os dias de “movimento anti-globalização”, embora a maioria das pessoas ali não compartilhavam dessa experiência.

Ouvi muita retórica legalista e reformista durante minha breve visita. Ao mesmo tempo, aquilo era o que a gente sonhava: nossas práticas se espalhando para além do nosso meio. Será que elas poderiam instigar os valores políticos que nos fizeram usá-las originalmente? Algumas pessoas mais próximas argumentaram comigo que os modelos de democracia direta poderiam ser um passo radical rumo ao anarquismo. Mas os meses que se seguiram foram uma prova de fogo para essa teoria.



Duas semanas depois da minha visita a Manhattan, eu estava de volta à minha cidade natal na região central do país, participando da segunda assembleia na nossa Occupy. Uma centena de pessoas de origens e perspectivas políticas diferentes discutiam se montariam um acampamento. Não é fácil tomar uma decisão em conjunto quando se é uma multidão arbitrariamente convocada através de um convite aberto no Facebook. Algumas argumentaram contra a ocupação, alegando que a polícia faria o despejo e que seria necessário pedir uma autorização prévia. Na cidade mais próxima, ocupantes tinham pedido uma licença, mas apenas conseguiram autorização para ocuparem algumas horas; todos os que permaneceram depois que o prazo havia expirado foram presos. Alguns de nós concordamos em seguir em frente com a ocupação do que fazer as autoridades acreditarem que cumpriríamos o que era conveniente para eles.

Um facilitador diferente teria deixado o debate permanecer num nível abstrato indefinidamente, enfraquecendo a possibilidade de uma ocupação em nome do consenso sobre o que é mais “seguro” fazer. Mas nós cortamos direto no ponto: “Levante a mão quem quer acampar aqui esta noite”. Algumas mãos se ergueram hesitantes. “Parece que cinco... seis, sete... OK, vamos dividir em dois grupos: quem quer ocupar e quem não quer. Vamos nos reunir em dez minutos”.

No início éramos apenas seis pessoas reunidas no lado da praça dos ocupantes, mas depois que tomamos o primeiro passo, outras vieram. Dez minutos mais tarde, éramos vinte e quatro — e ao anoitecer, já haviam dezenas de pessoas acampadas na praça. Não dormi a noite toda esperando a polícia nos atacar, mas ela nunca apareceu. Nós vencemos a primeira batalha, ampliando o que todo mundo imaginava ser possível, e nós devíamos isso às

8
pessoas que tomaram a iniciativa de forma autônoma, não a um consenso estabelecido.

Nossa ocupação foi um sucesso. Durante as primeiras semanas, dezenas de pessoas novas se encontraram e se conheceram através das manifestações, trabalho logístico e noites de discussões apaixonadas.

As noites de assembleias serviram de espaço para as pessoas se conhecerem politicamente. Primeiro, ouvimos uma ampla gama de depoimentos sobre por que as pessoas estavam lá — alguns bem chatos e outros fascinantes. Mas esse cenário rapidamente se transformou uma vez que foram surgindo demandas para serem discutidas em assembleias. Em seguida, aguentamos longos debates sobre se deveria haver uma política de não-violência, com a não-violência servindo como uma palavra-chave para a obediência legalista. Graças à participação de uma porção de anarquistas, a discussão ficou bem dividida, mas permitiu que muitas pessoas que nunca haviam participado de algum encontro do tipo ouvissem alguns argumentos novos.

Foi interessante ver tantas pessoas passando por uma evolução política tão rápida. Gostei dos debates, do drama de ver gente progressista de classe média tendo que se esforçar para conversar em pé de igualdade com anarquistas e outros pobres com raiva.

Por outro lado, as assembleias eram ineficazes como uma forma de tomar decisões. Depois de semanas de duras sessões diárias, desistimos inteiramente de formular uma declaração de missão sobre nossos objetivos básicos, o consenso era repetidamente bloqueado se uma pessoa sozinha se opunha. Algumas pessoas conseguiram pautar a ideia de fazer pequenas manifestações através do processo de consenso, mas elas não atraíram quase ninguém. O selo de aprovação da assembleia não se correlacionou com pessoas que realmente estavam se

empenhando; o ímpeto de se fazer algo com sucesso estava em outro lugar.

Enquanto as assembleias noturnas ajudavam a nos conhecermos politicamente, se você queria conhecer pessoas pessoalmente, tinha que passar algum tempo no acampamento. Observando a noite de pé, enfrentando estudantes universitários bêbados e outros reacionários, conheci muitas das pessoas na ocupação que haviam chegado pela primeira vez aleatoriamente. Foram essas conexões que nos deram motivo para continuar lutando juntos nos meses seguintes.

Inesperadamente, progressistas eram os que mais investiam no protocolo do processo de consenso — por mais estranho que fosse, achavam tranquilizador que houvesse uma maneira adequada de fazer as coisas. Essa ênfase no protocolo criava divisões com os habitantes reais do acampamento, muitos dos quais não se sentiam à vontade comunicando-se em tal estrutura formal. A divisão de classe se revelou um conflito mais fundamental do que qualquer desacordo político. Do ponto de vista dos progressistas, havia uma assembleia democrática na qual qualquer um podia participar, e aqueles que não assistiam ou falavam não podiam se queixar das decisões tomadas ali. Do ponto de vista dos ocupantes, os progressistas apareciam por uma hora ou duas a cada dois dias e esperavam ser capazes de impor decisões às pessoas que estavam no acampamento vinte e quatro horas por dia — sendo que muitas vezes eles nem sequer estavam lá para realizar o que propunham.

Como parte da minoria que estava familiarizada com o processo de consenso e ao mesmo tempo um habitante do acampamento, eu podia ver ambos os lados. Tentei explicar aos progressistas que apenas compareciam às assembleias — que entendiam o Occupy como um projeto político em vez de um

espaço social — que já havia processos de tomada de decisão funcionando no acampamento, por mais informais que fossem, e que se eles quisessem estabelecer melhores relações com os moradores do acampamento, deveriam levar esses processos a sério e tentar participar deles também.

Após as primeiras semanas, o fluxo de novos participantes diminuiu. Nós nos tornamos uma porção de figuras conhecidas mais uma vez. Consequentemente, começamos a perder nossa influência sobre as autoridades. Enquanto isso, estava ficando cada vez mais frio com o inverno se aproximando. Com base na nossa experiência de reuniões que travaram tentando formular uma declaração de missão ou convocar manifestações, parecia óbvio que, se houvesse um próximo passo, teria de ser decidido fora das assembleias gerais.

Reunimos um grupo de amizade e afinidade que eu conhecia e confiava há muito tempo — o mesmo grupo que tinha chamado para ocupar a praça em nossa cidade. Discutimos sobre ocupar um edifício vazio a poucos quarteirões da praça. A maioria de nós pensou que era impossível, mas um pessoal mais animado insistiu que era possível. Decidimos que, se pudessem nos levar para dentro, resistiríamos. Mas o plano tinha que ser um segredo até que estivéssemos dentro, então a polícia não poderia nos impedir.

A ocupação do edifício foi um sucesso. Mais de cem pessoas inundaram o prédio, montando uma cozinha, uma biblioteca de leitura e dormitórios. Uma banda tocou, seguida por uma festa. Naquela noite, dezenas de pessoas dormiram no prédio e não na praça, aliviadas por estarem abrigadas do frio. Mais uma vez, fiquei vigiando a noite toda, esperando a polícia — as apostas eram mais altas desta vez —, mas não apareceram. O espírito era de animação: mais uma vez, havíamos superado as expectativas do que é possível.

Na tarde seguinte, enquanto continuávamos a limpar e reparar o edifício, circulou um boato de que a polícia estava preparando um ataque. Dezenas de nós nos juntamos numa reunião improvisada. Era muito diferente da atmosfera das nossas assembleias gerais habituais. Não havia formalidades burocráticas, nem pequenos impasses. Ninguém falava apenas para ouvir a si mesmo nem ninguém ouvia com tédio ou olhar perdido. Não tinha ninguém feliz apenas por falar mais ou por repreender outras pessoas por não seguirem o protocolo de uma assembleia.



Aqui não havia nada de abstrato sobre o que estava em pauta. Estávamos colocando nossos corpos na linha de frente apenas por estarmos presentes; estas eram escolhas reais que teriam consequências imediatas para nós. Não precisávamos de

um mediador para ouvir uns aos outros ou permanecermos no mesmo tópico. Com nossa liberdade em jogo, tínhamos todas as razões para trabalhar bem em conjunto.

No dia seguinte, uma enorme multidão se reuniu no acampamento original para uma assembleia geral acalorada — a maior e mais enérgica que a nossa cidade testemunhou ao longo de toda a sequência de Occupy. Nossa decisão de ocupar o prédio, tomada fora da assembleia geral, ironicamente, a tornou irresistível para todos. Algumas pessoas foram inspiradas pela ocupação do edifício e nossa resposta ao ataque da polícia; outros, que assumiram a assembleia geral como o corpo governante do movimento, ficaram indignados por termos agido sem sua legitimação; outros ainda, que não estavam interessados em ocupar até agora, vieram se engajar conosco porque podiam ver que éramos capazes de causar um grande impacto. Mesmo que estivessem lá apenas para argumentar que devemos “ser pacíficos” e obedecer à lei, entrar nesse espaço de diálogo também poderia expandir seu ideal do que é possível.

Assim, a assembleia se beneficiou com a ocupação do edifício, quer as pessoas aprovassem ou não. Mas eles vieram somente por causa do poder que nós expressamos agindo por nós mesmas. Foi esse poder que eles procuraram acessar através da assembleia — alguns para aumentá-la, alguns para comandá-la, outros para domá-la. De fato, o poder não residia na assembleia como um espaço de tomada de decisão, mas nas pessoas que chegaram a ele e nas conexões que juntos criaram ali.

Durante a semana seguinte, pessoas inspiradas nas ocupações de outros edifícios em Oakland, na Califórnia, e na nossa pequena cidade ocuparam edifícios em Saint Louis, Washington e Seattle. Esta nova onda de ações elevou

o movimento Occupy de protestos simbólicos para desafiar diretamente a pureza das ideias capitalistas sobre a propriedade. Nossa cidade viu suas maiores manifestações em anos.

Meses depois, conversei com camaradas de todo o país sobre como tinha sido essa experiência massiva de consenso progressivo. Em todos os lugares houve os mesmos conflitos, já que algumas pessoas que viam as assembleias como o espaço onde legitimar decisões criticavam aqueles que impulsionavam o movimento a agir de forma autônoma. Mesmo em Oakland, o acampamento mais combativo do país, nunca foi tomada uma decisão por consenso para manter a polícia fora do acampamento — essa decisão foi tomada por indivíduos de forma independente. Uma amiga de Oakland me contou como, quando ela impediu um oficial de entrar, um jovem reformista que acabara de aprender as palavras-chave do processo de consenso com raiva gritou: “Eu te bloqueio, cara! Eu bloqueio você!” enquanto fazia um X com os braços. Uma fotografia que registra o momento depois dos tumultos em que os ocupantes reagiam contra a reintegração do seu acampamento, alguém escreveu numa janela quebrada: “Este ato de vandalismo NÃO foi autorizado pela AG”, como se a assembleia geral fosse um órgão governamental, responsável por seus assuntos e, portanto, responsável por legitimar ou deslegitimar suas ações.

Isso mostra um profundo mal-entendido sobre qual procedimento de consenso é bom. Como qualquer ferramenta, o poder flui de nós para esses processos, não o contrário — podemos investir neles com poder, mas usá-los não nos fará mais poderosos. Cada passo que fez o Occupy ter sucesso em nossa cidade, desde o convite para a primeira assembleia para ocupar a praça, até ocupar um edifício, foi o resultado da iniciativa autônoma. Nunca poderíamos ter consentido a fazer nenhuma dessas coisas em uma assembleia que incluía

anarquistas, maoístas, pessoas pobres reacionárias, liberais de classe média, infiltrados da polícia, pessoas com problemas de saúde mental, aspirantes a políticos e quem mais caísse ali por acaso. As assembleias eram essenciais como um espaço onde cruzar e compartilhar propostas, criar afinidades e construir um senso de poder coletivo, mas não precisamos de uma forma de governo mais participativa e, portanto, ainda mais ineficiente e invasiva. Precisamos da capacidade de agir livremente, como julgarmos adequado, o bom senso de coexistir com os outros sempre que possível e a coragem de defender-nos sempre que há conflitos reais.

Como o movimento estava minguando, a parcela de ocupantes mais legalistas e burocráticos convocaram um Encontro Nacional na Filadélfia em 4 de julho de 2012, no qual iriam “coletivamente elaborar uma proposta de um futuro democrático”. Apenas 500 pessoas de todo o país compareceram, uma pequena e insignificante fração do número que bloqueou os portos, ocupou parques e marchou pelas ruas. O povo, como dizem, tinha “votado com os pés”.



SMASH
CAPITALISM

ON OCCUPIED
LAND SINCE
1492

REVOLUTION
NOT
REFORM

O movimento Occupy ficou conhecido no mundo todo pelas assembleias e pelas práticas com democracia direta. No entanto, em muitos casos, as ações autônomas de grupos e indivíduos (anarquistas ou não) que tomaram a iniciativa em momentos de conflito ou quando era necessário uma mudança drástica, foram responsáveis por aumentar a popularidade e a potência do movimento. Mesmo assim, ainda houveram resistência e desacordos com pessoas que acham que nenhuma iniciativa autônoma tem legitimidade se não tiver um consenso universal entre todas as pessoas do movimento. Essa experiência é narrada aqui nos levantando questões como: há uma forma de decisão que acumula mais validade que outras? É possível coordenar ações coletivas que preservem a autonomia da minoria de grupos ou indivíduos que não estão de acordo com a (ditadura da) maioria?

